



CORPOS TRANSVIADOS AO SUL DO EQUADOR: O QUE LINN DA QUEBRADA TEM A NOS (DES)ENSINAR?

QUEER BODIES AT THE SOUTH OF THE EQUATOR: WHAT DOES LINN DA QUEBRADA HAVE TO (UN)TEACH US?

Dilton Ribeiro Couto Junior
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
João Paulo de Lorena Silva
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo:

Irreverente talvez seja um dos melhores adjetivos para descrever o trabalho musical do funk transviado de Linn da Quebrada. Bicha, trans, preta, periférica, bailarinx, performer e terrorista de gênero são alguns dos termos e expressões utilizados por ela para marcar sua existência e resistência no cenário contemporâneo brasileiro. O compromisso ético-político cuidadosamente percebido em cada uma de suas letras de música revela a sensibilidade e a preocupação em questionar os pilares fundantes das normas regulatórias de gênero. Nesse texto, buscando inspiração no trabalho musical de Linn da Quebrada, mais especificamente na letra *Enviadescer*, o que nos move é o desejo de experimentar, cavar possibilidades e explorar a potência epistemológica da perspectiva *queer* para (re)pensar sobre os tantos corpos transviados que habitam o sul do Equador, cuja potência de fabricação e reinvenção de si vêm evidenciando o quanto eles são capazes de nos (des)ensinar.

Palavras-chave: teoria *queer*; *enviadescer*; (des)ensinar.

Abstract:

Irreverent is, perhaps, one of the best adjectives to describe the musical work of Linn da Quebrada, called *transviado* funk (*transviado*: deviant concerning gender norms and standards). Queer, trans, black, peripheral, dancer, performer and gender terrorist are some of the terms and expressions used by Linn to mark her existence and resistance in the contemporary Brazilian scene. The ethical-political commitment carefully perceived in each of her lyrics reveals the sensitivity and concern in questioning the founding pillars of regulatory gender norms. By seeking inspiration in Linn da Quebrada's musical work, more specifically in the lyrics of the song *Enviadescer* (Queerize, in English), what moves us in this paper is the desire to experiment, dig possibilities and explore the epistemological power of the queer perspective to think about the many stray bodies that inhabit the south of the Equator, whose power of fabrication and reinvention of themselves has been evidencing how much they are capable of (un)teaching us.

Keywords: queer theory; queerize; (un)teach.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



“Não tem o funk da ostentação? O meu é o funk da lacração”.
Linn da Quebrada

Introdução

O funk ostentação consiste numa vertente do funk criado por jovens de bairros periféricos e que evidencia a forte alusão ao consumo de bens (marcas de roupas, bebidas, carros, joias, entre outros) com o objetivo de obter maior sucesso com as mulheres (BARBOSA-PEREIRA, 2016). Em entrevista¹ concedida à Karol Conka, Linn da Quebrada utiliza a expressão *lacrção* – sinônimo de bem-sucedido², de “arraso”, de “mandar bem” – como tentativa de apontar o tipo de funk que busca produzir, caminhando numa direção diferente do funk ostentação. Deliberadamente escrachada, Linn da Quebrada apresenta uma musicalidade que explora performances irreverentes envolvendo a mistura do funk e rap para contestar a valorização das masculinidades e feminilidades hegemônicas (COLLING; SOUSA; SENA, 2017). Não lhe interessa ostentar, mas buscar caminhos inusitados, potentes e ousados para, através do funk da *lacrção*, explorar cada vez mais sua forma transviada e periférica de ser e estar no mundo.

¹ Entrevista completa disponível em:

<<https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/videos/1881239922114571/>>. Acesso em: 19 maio 2017.

² Optamos pelo uso do “x” como estratégia linguística para romper com os binarismos de gênero e, dessa forma, tencionar as marcas de gênero fortemente presentes na gramática da língua portuguesa. Com isso, buscamos inspiração em Preciado (2014, p. 223) para (d)enunciar a obsessão do ocidente por “querer reduzir a verdade do sexo a um binômio”. Diversos trabalhos também fazem uso de outras estratégias linguísticas com esse fim. Vale citar o uso do (___) (*underscore*) por Pocahy (2016), além do uso do (@) (arroba) por Reis (2011) e Nardi (2013). Em outro trabalho, Pocahy (2011, p. 22) utiliza a cerquilha (#), símbolo popularmente conhecido como jogo da velha ou *hashtag*, como estratégia linguística para “marcar a possibilidade de desgenerificar” sujeitos. Somando-se a isso, Linn da Quebrada, na música *Enviadescer*, adota o uso do (e) no lugar do (a/o) da palavra *todes*, também buscando não generificar as pessoas as quais x funkeirx se refere.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



A Quebrada, entre-lugar de enunciação do funk da lacração produzido por Linn, pode ser compreendida como um plano de inscrição, um lugar tanto de capturas quanto de escapes (desvios), cabíveis no jogo discursivo das relações de poder. Entendemos poder como “um modo de ação sobre as ações dos outros” (FOUCAULT, [1982] 2010, p. 289). Desse modo, o poder não pode ser concebido como “propriedade” ou como um “privilégio que se pudesse deter”, mas como relação, cujos efeitos “definem inúmeros pontos de luta, focos de instabilidade comportando cada um, seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças” (FOUCAULT, [1975] 2014, p. 30). Assim como existem diferentes táticas de poder, existem diferentes estratégias de resistência, pois as relações de poder são incapazes de saturar completamente o campo da ação possível. Nessa perspectiva, quando há o mínimo de liberdade nas relações de poder, há a possibilidade de resistência (FOUCAULT, [1982] 2010).

A produção da resistência na Quebrada, por sua vez, emerge como efeito das relações de poder, sendo localizada nas zonas fronteiriças dos sujeitos e seus entornos, no acoplamento dos corpos que, desviando-se das (hetero)normas, experimentam em si mesmos o que Deleuze e Guattari (1997) denominariam de agenciamentos mútuos e contínuos de desejos. Desse modo, ao tomarmos a cidade como currículo (BONAFÉ, 2013), reconhecendo-a como território de produção de saberes e sujeitos, entendemos que os seus diferentes espaços (praças, campos, ruas, muros, bosques, parques, favelas, quebradas, museus, viadutos, etc.) são capazes de nos (des)ensinar de modos variados e potentes, para além dos conhecimentos e saberes circunscritos ao domínio escolar. Interessa-nos, aqui, escutar o falar das fronteiras, das margens e quebradas brasileiras.

Ainda que sua entrada na cena musical tenha lhe conferido certa popularidade no meio artístico, recentemente Linn da Quebrada não mais se intitula MC, conforme ela mencionou em sua página pessoal do Facebook em mensagem postada no dia 26 de abril

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



de 2017. Na concepção de Linn, existem inúmeros desafios associados ao “que fundamentalmente e impreterivelmente seria umx [MC]. [...] Talvez eu *esteja* MC nesse momento. Mas minha arte é muito plural e diversa. [...] Já fui tantas & espero ainda ser muitas outras. Criando e recriando sobre minha própria obra e existência”³ (grifo nosso). *Estar* MC significa apontar o estado de trânsito dx fukeirx, cuja forma de experimentar o corpo e a arte não permitiriam x elx atracar num porto seguro, mas permanentemente reinventar-se ao buscar outros portos e andanças, outras estéticas de existência.

O enfrentamento a imposição heteronormativa é tema central de seu trabalho musical, que vem dando visibilidade aos corpos que habitam as fronteiras de gênero, enaltecendo a ideia de que todos os corpos importam e merecem ser vividos. Não há como negar que o funk evidencia a luta travada diariamente por aqueles que buscam reconhecimento e legitimidade social, fazendo dessa prática musical um importante meio para apresentar e discutir os modos de vida periféricos (MUNIZ, 2016). Frente a isso, a periferia e x jovem habitante da favela compõem a complexa trama narrada por Linn da Quebrada, que focaliza as experiências sociais das pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes. O ativismo contemporâneo praticado através da arte é o que Colling, Sousa e Sena (2017, p. 200-201) denominam de *ativismo*, “expressão política que problematiza, através das artes, as mais diversas questões sem o corrimão das identidades fixas e que privilegia a experiência do corpo em trânsito”. A expressão artista transgressora produzida por Linn da Quebrada nos convida a problematizar sobre os tantos corpos transviados que habitam o sul do Equador, mostrando-nos o quanto a criatividade irreverente dx funkeirx nos brinda com tantos (des)ensinamentos potentes para (re)pensar a fabricação dos gêneros e das sexualidades.

³ O post está disponível em: <<https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/posts/1881024238802806>>. Acesso em: 25 maio 2017.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Diante do exposto, este texto nasce de um desejo (perigoso, confessamos!), fruto (proibido!) de pegações, sarros e transas com o funk transviado de Linn da Quebrada. Bicha, trans, preta, periférica, bailarinx, performer e terrorista de gênero é como elx se apresenta em sua página pessoal na rede social Facebook⁴. O trabalho musical delx, mais especificamente na letra da música *Enviadescer*⁵ nos inspirou a produzir, nesse texto, reflexões em torno das possibilidades de se (re)pensar o *queer* no Brasil, interseccionalizando gênero, sexualidade, raça e classe a partir de uma perspectiva decolonial. Frente a isso, buscamos refletir sobre os tantos corpos transviados que habitam o sul do Equador, cuja potência de fabricação e reinvenção de si vêm evidenciando o quanto eles são capazes de nos (des)ensinar.

A perspectiva decolonial é um movimento que consiste em “desapegar-se” do prestígio sociocultural atribuído à Europa, desprendendo-se da lógica do eurocentrismo para “abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados” (PEREIRA, 2015, p. 415). Adotar essa perspectiva neste trabalho significa um compromisso ético e político de focalizar as experiências sociais de sujeitos que constituem as chamadas “minorias” sexuais, de gênero e étnico-raciais e que têm muito a nos dizer e ensinar. Operar reflexivamente através do trabalho musical de Linn da Quebrada, amparadxs pela perspectiva da decolonialidade, é pensar no quanto o processo de subalternização social vem invisibilizando e silenciando vidas que (muito!) importam.

⁴ Página disponível em: <https://www.facebook.com/pg/mclinndaquebrada/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 17 maio 2017.

⁵ *Enviadescer* foi lançada em 2016, sendo distribuída digitalmente em diversas plataformas *online*, dentre elas o popular Spotify (serviço de música digital). Houve uma campanha de financiamento coletivo no site de *crowdfunding* Kickante, com o objetivo de viabilizar o lançamento do primeiro álbum de Linn da Quebrada, Pajubá. A campanha, que se encerrou em junho de 2017, ultrapassou a meta dos R\$45 mil, possibilitando que o álbum Pajubá fosse lançado naquele mesmo ano. A campanha está disponível em: <<https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>>. Acesso em: 29 maio 2017.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Concordamos com Butler (2017, p. 44), para quem “se uma vida não é tratada como se sua perda fosse terrível, então sua perda já está incorporada na noção de vida. É por isso que uma vida tem de ser considerada primeiramente como digna de luto para ser tratada plenamente como vida”. Neste contexto, com Linn da Quebrada nosso desafio é refletir sobre as tantas vidas bichas, trans, pretas e periféricas que não vêm sendo reconhecidas na plenitude de suas existências.

Na tentativa de escapar às armadilhas da identidade, operamos com o conceito de “interseccionalidade como agenciamento” (PUAR, 2013, p. 359). Com isso, entendemos que categorias como gênero, sexualidade, raça, classe, localização geográfica, entre outras, não podem ser compreendidas isoladamente, como essências universais ou identidades naturais e apriorísticas, mas são produzidas rizomaticamente no entre, no meio, como “corpos que se penetram, se misturam, se transmitem afetos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 84). Historicamente, a interseccionalidade surgiu como uma abordagem integrada formulada por ativistas chicanas, sul-americanas e afro-americanas em resposta ao feminismo universalista, que foi “produzido na experiência política da hegemonia da branquitude e na desigualdade econômica” (POCAHY, 2011, p. 20). O conceito apresenta grande potencialidade de articular epistemológico e politicamente reflexões que possam servir de análise para investigar as complexas relações de saber-poder através do diálogo “com as distintas intersecções que constituem uma dada conjuntura social e cultural ou posição de sujeito nessa dada conjuntura” (POCAHY, 2011, p. 21). Caminhando com essa linha de pensamento, Topa, Nogueira e Neves (2013, p. 28) reiteram que “a interseccionalidade tem sido adotada como um novo paradigma que procura trazer a debate e a estudo a complexidade de localizações e experiências sociais para um possível entendimento das diferentes realidades”. Dito isso, dialogar com o funk transviado de Linn da Quebrada de forma interseccional significa levar em consideração, por exemplo, aspectos como raça, gênero, sexualidade, localidade

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



e classe social para investigar os possíveis sentidos do que é ser bicha, trans, preta e periférica no contexto sociocultural brasileiro hoje.

Desde que aportou em nossas terras tupiniquins, a teoria *queer* tem provocado calorosas discussões, flertes conceituais, leituras deslocadas e transas teórico-políticas cheias de curiosidade, prazer, conflito, medo e gozo. Muitxs de nós já estamos habituadx a flertar com autorxs como Judith Butler, Paul Beatriz Preciado, Monique Wittig, Guy Hocquenghem, Julia Kristeva, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Eve Sedgwick, Donna Haraway, entre outrxs, que, em uma espécie de orgia conceitual, agenciam-se em nossos estudos e pesquisas para produzir em termos epistemológicos *isto* que chamamos de *queer*. Apoiamo-nos no pensamento *queer* e partimos da premissa de que corpos, gêneros e sexualidades são fabricados ao longo de toda vida, o que coloca em xeque o que Preciado (2014) denomina de regime heterocentrado, cujas garras (hetero)normativas são produzidas e reiteradas por diferentes instâncias sociais, responsáveis pela idealização de masculinidades e feminilidades hegemônicas. Dessa forma, a perspectiva *queer* não propaga a “segurança do corpo cirurgiado, finalmente consoante com sua ‘identidade de gênero’, [...] mas, sobretudo, a instabilidade dos corpos que não se conformam” (PEREIRA, 2012, p. 373). Nos interessa todos os corpos que, colocados na condição de abjetos, são bombardeados constantemente por ameaças (POCAHY, 2013) porque a mera existência desses sujeitos expõe os limites e fragilidades do funcionamento da ordem social (MISKOLCI, 2013).

Mais recentemente, têm-se discutido sobre a possibilidade de (re)pensar o *queer* desde os nossos corpos latinos, sul-americanos, brasileiros e subalternos (PEREIRA, 2012, 2015; PELÚCIO, 2012, 2014; COLLING; 2015). Para isso, faz-se imprescindível deslocar a teoria do centro e fazê-la transitar em nossas experiências locais, periféricas, ainda tão marcadas pela colonialidade do poder. Operar como que um *giro decolonial* (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007) no pensamento *queer* significa questionar



o prestígio social das teorias formuladas no norte, implicando-nos no desafio de escrever nossas próprias histórias “experimentando na carne outras formas de desafiar as epistemologias centrais” (PELÚCIO, 2012, p. 414). A teoria *queer* tem viajado muito (PEREIRA, 2015), entretanto, suas ressonâncias são diversas (PELÚCIO, 2016), o que nos convida a (re)pensar como vem se dando suas (re)apropriações no contexto latino-americano, em especial no Brasil⁶. Seria ousadia dizer que o *queer* também respingou na letra da música *Enviadescer* de Linn da Quebrada? Talvez. Mas, independente da resposta, o que nos move nesse texto é o desejo de experimentar, cavar possibilidades e explorar a potência de desestabilização e resistência que essas aproximações transviadas podem produzir.

“Chega mais, cola aqui, / vamo bater um papo reto”: com a palavra, Linn da Quebrada...

O que significa habitar um corpo transviado, preto e periférico no sul do mundo? Que modos de vida é capaz de criar um corpo que, resistindo às investidas do poder, escolhe a instabilidade do trânsito como lugar de pertencimento e re-existência? Que possibilidades outras de experimentação dos gêneros e das sexualidades pode produzir um corpo *desidentificado* dos ditames instituídos pela heteronormatividade? Para refletir sobre essas (e outras) questões, e tendo como objetivo deslocar a teoria *queer* do norte global para fazê-la transitar em latitudes subalternas e terceiro-mundistas, é que queremos, a partir de agora, “bater um papo reto” com o “funk da lacração” de Linn da Quebrada.

⁶ Para uma análise mais detalhada sobre a emergência da teoria *queer* nos EUA, vale citar os trabalhos de Jagose (1996) e Butler (1993). Também vai além dos limites deste texto discutir detalhadamente a chegada dessa teoria ao Brasil e suas (re)apropriações pelo campo da educação. Para maiores informações sobre isso, ver os artigos de Ranniery (2017), Silva, Silveira e Costa (2016), Couto Junior (2016), Miskolci (2009) e Louro (2001).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Em *Enviadescer*⁷, Linn nos apresenta a potência transgressora das inúmeras experiências de dissidência sexual e de gênero no Brasil, evidenciando como diferentes marcadores sociais das diferenças (gênero, sexualidade, raça, classe e localização geográfica) se interseccionizam na constituição das experiências cotidianas dos sujeitos periféricos. Paul Beatriz Preciado, ao ser entrevistado por Jesús Carrillo (2010), discute a emergência de uma nova forma de produzir conhecimento que reconhece o entrecruzamento de marcadores sociais como sexo, raça e classe. Segundo a autora, não se trata simplesmente “de se ter em conta a especificidade racial ou étnica da opressão como mais uma variante junto à opressão sexual ou de gênero, mas de analisar a constituição mútua do gênero e da raça, o que poderíamos chamar a sexualização da raça e a racialização do sexo” (CARRILLO, 2010, p. 48). Os chamados corpos subalternos, ao serem colocados na condição de abjetos, fazem funcionar toda uma rede de desestabilizações, subversões e resistências, uma vez que esses corpos sempre escapam, encontrando “possibilidades outras que não os aparentemente rígidos marcos dos diversos sistemas de regulação” (LIMA; NOGUEIRA, 2016, p. 13) e controle.

A ideia de abjeção, frequentemente utilizada nos estudos de gênero e sexualidade, tem origem na Psicanálise, mas foi ressignificada e apropriada por feministas como Julia Kristeva e antropólogas como Mary Douglas (MISKOLCI, 2013). O abjeto pode ser entendido como “aquilo que perturba uma identidade, uma ordem, um

⁷ Com o uso de dispositivo digital móvel com leitor de códigos QR, assista ao vídeo *Enviadescer* na página de Linn da Quebrada no YouTube:



Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



sistema. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras⁸” (KRISTEVA, 2006, p. 11), sendo esta uma experiência constituída nas relações de poder. De acordo com Butler (2001, p. 155, grifo dx autorx), a abjeção designa “aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”. Desse modo, há uma relação de interdependência entre sujeito e abjeto, entre o que é considerado normal e o que é lido socialmente como anormal e monstruoso, entre o centro e a margem. Isto porque os modos como nos constituídos sujeito são atravessados pela força de um ato de exclusão, “uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio” (BUTLER, 2001, p. 155-156).

No videoclipe *Enviadescer*, gravado no bairro onde Linn mora – em sua quebrada, como costuma chamar o seu lugar de origem e pertencimento –, a enunciação de um modo de vida transviado e abjeto adquire evidência. A cena abre-se com corpos que se movimentam em diferentes espaços da periferia. São corpos de mulheres, bichas, sapas, trans. Corpos pretos e gordos, corporalidades dissidentes que escapam aos padrões estéticos do centro e que, em uma espécie de devir-viada, encontram no funk um território de re-existência. Na medida em que esses corpos se enunciam, agenciando suas materialidades na dança, no rebolado e na laceração, interseccionalidades são produzidas como “estéticas de enfrentamento” (COLLING; SOUSA; SENA, 2017, p. 211). Na primeira parte da música, é o corpo “gay-macho-discreto”, moldado nos parâmetros da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995) e da heteronormatividade (WARNER, 1993), que estará sob o alvo de críticas do funk transviado de Linn da Quebrada. Através

⁸ Tradução de: “aquello que perturba una identidad, un sistema, un orden. Aquello que no respeta los límites, los lugares, las reglas” (KRISTEVA, 2006, p. 11).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



do uso da figura de linguagem – “pssiu” –, x funkeirx, já no primeiro verso da música, se prontifica a estabelecer o contato com o “Macho Discreto” para reafirmar seu incômodo diante da opção pela “discrição” que muitas pessoas gays adotam na fabricação de seus corpos, gêneros e sexualidades:

*Hey, pssiu, você aí,
Macho Discreto,
chega mais, cola aqui,
vamo bater um papo reto,
que eu não tô interessada no seu grande pau ereto
Eu gosto mesmo é das bicha!
das que são afeminada
das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada
Eu vou falar mais devagar pra ver se consegue entender:
Se tu quiser ficar comigo boy,*

*Vai ter que enviadescer,
enviadescer, enviadescer.*

A música de Linn surge da quebrada, do beco, da margem. Ao se situar em uma posição estético-política de contestação à estabilidade do centro, sua arte nos aponta para a experiência de outras corporalidades e nos chama a atenção para a possibilidade de inventarmos outros modos de vida desde os nossos próprios corpos. Modos de vida transviados, periféricos, bicha, travesti, *queer*. De acordo com Foucault (1981, p. 39), um modo de vida é sempre efeito de um trabalho investido sobre nós mesmxs, que nos leva “a inventar – e não descobrir – uma maneira de ser ainda improvável”. A performance inusitada e irreverente de Linn transparece no videoclipe da música *Enviadescer*, criteriosamente produzido tendo em vista a necessidade de evidenciar os modos de existência periféricos, que caminham na contramão de padrões estéticos hegemônicos. Nesse sentido, “não há um novo modo de existência que não seja fruto de uma mutação subjetiva, de uma ruptura com as significações dominantes” (PELBART, 2014, p. 261).

A imagem corporal do “gay-macho-discreto” é fortemente contestada pelo *ativismo* de Linn da Quebrada. Através de uma musicalidade envolvendo a mistura do

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



funk e rap, o trabalho dx funkeirx, “não só critica a imposição heteronormativa do ‘gay-discreto’, mas também enaltece e visibiliza as resistências das bichas pintosas” (COLLING; SOUSA; SENA, 2017, p. 210), das travestis e de todos os corpos subalternizados que lutam todos os dias para existir. A segunda parte da música traz, em tom de alerta, a necessidade de que essas bichas pintosas apareçam na cena contemporânea empoderadxs e tomem para si o “enviadescimento” como estratégia de enfrentamento e luta ao regime heteronormativo:

*Ai, meu deus, o que é que é isso
que essas bicha tão fazendo?!
Pra todo lado que eu olho
tão todes enviadescendo*

*Mas, não tem nada a ver
com gostar de rola ou não
Pode vir, cola junto, as transviada sapatão
Bora enviadescer até arrastar a bunda no chão!*

*Ih, aí, as bicha ficou maluca!
além de enviadescer tem que bater a bunda na nuca!*

Enviadescer, no contexto acima, significa transgredir às normas regulatórias de gênero, (re)criando formas outras de habitar o mundo a partir de nossos corpos, gêneros e sexualidades. A prática de enviadescer, ao tornar evidente o caráter performativo do gênero (BUTLER, 2015), coloca em tensão a produção das masculinidades e feminilidades hegemônicas. Em contrapartida, buscamos inspiração na letra de Linn para alertar sobre as práticas do *desenviadescimento*, que se caracterizariam pela adoção da estratégia da “discrição” pelo “Macho Discreto”, que acabaria por ser incluído dentro dos moldes da ordenação clássica dos gêneros. *Desenviadescer* reforça a (hetero)normatização dos corpos, pois é justamente a bicha que (re)lembra, a todo instante, o quanto a heterossexualidade não é dada, mas construída e reiterada incessantemente com o objetivo de ser o modelo naturalizado socialmente. Nesse

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



contexto, caminhamos com Preciado (2011, p. 15), para quem “as identificações negativas como ‘sapatas’ ou ‘bichas’ são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à ‘universalização’”. Linn da Quebrada nos ensina que é possível fabricar corpos que fujam aos padrões universais e que sejam potentes para ir na contramão do que hegemonicamente vem sendo considerado “belo”. Muito nos interessa pensar os corpos a partir das “bichas” pretas pintosas das periferias, que diariamente colocam em prática o envidescimento em prol da necessidade de subverter os diferentes papéis socialmente atribuídos do que é habitar um corpo considerado masculino ou feminino.

De acordo com Foucault ([1975] 2014), a partir do século XVIII o corpo foi alvo e objeto do poder. O corpo passou a ser visto, não mais como uma matéria inerte, irreduzível, mas como “superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e de biopolítica” (MENDES, 2006, p. 168). Desde então, vivemos um processo contínuo e sempre reiterado de disciplinamento e (hetero)normalização dos corpos. Nesse processo, a constituição das subjetividades acompanha a materialidade dos corpos (MISKOLCI, 2006), os quais são atravessados pela inscrição de variados e conflitantes discursos. O corpo converte-se, nas palavras de Butler (2015, p. 240), em uma espécie de materialidade constituída discursivamente, “uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural”. Considerando que esse campo é permanente disputado e negociado entre os praticantes culturais, o convite de Linn da Quebrada para que possamos “arrastar a bunda no chão!” e “bater a bunda na nuca!” é potente. Isso porque essa inventividade performativa dos corpos dissidentes favorece que as fronteiras extremamente rígidas e vigiadas que separam as noções de masculino/feminino e hetero/homossexual sejam cada vez mais abaladas pela inconformidade desses corpos abjetos em viver de acordo com as (hetero)normas.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



No caso dos corpos masculinos, Miskolci (2006) chama atenção para o fato de que a prática física, ao se encarregar de prescrever as formas como deveríamos fabricar nossos corpos, vem criando identidades de gênero hegemônicas. Viril, másculo, malhado, guerreiro, jogador, competitivo, de aparência discreta e charme comedido são alguns dos significados que passam a ser atribuídos a esses corpos, os quais são circunscritos num “modelo que impõe limites corporais identitários estreitos, pois se assenta em um duplo assujeitamento: corporal e subjetivo” (MISKOLCI, 2006, p. 684). Esses padrões corporais (hetero)normativos descaracterizam outras possibilidades de fabricação das masculinidades e feminilidades, sendo perpetuados na medida em que se atualizam. Nas palavras de Butler (2014, p. 262), “a norma somente persiste como norma enquanto é atualizada na prática social e reidealizada e reinstituída durante e ao longo dos rituais sociais cotidianos da vida corporal”. Os corpos dissidentes apresentados no videoclipe *Enviadescer* nos mostram que há (muita!) vida para além dos modelos binários mulher/homem, fêmea/macho, homo /heterossexual. O enviadescimento desses corpos favorece a desestabilização das normas regulatórias e, ao mesmo tempo, proporciona a visibilidade em torno dos sentidos sociais produzidos pela produção musical que, recentemente, vêm se constituindo nas periferias.

O funk de Linn da Quebrada não é destinado exclusivamente às chamadas “minorias” sociais, pois sua potência política recai sobre a importante denúncia que faz às diferentes marcas da abjeção. Linn vislumbra os modos de vida periféricos, convidando todos a “cola[r] junto” e (des)aprender com as experiências dissidentes narradas por ela. Conforme discutiremos a seguir, o campo da educação tem muito a (des)aprender com o ativismo de Linn a partir das experiências interseccionais envolvendo gênero, sexualidade, raça e classe.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



“Pode vir, cola junto, as transviada sapatão”: articulações entre a teoria *queer* e o campo da educação

“Entre ser homem e ser mulher, eu quero ser eu”, afirma Linn da Quebrada em entrevista ao canal Trip TV no YouTube⁹. Caminhando na mesma direção, Preciado (2014, p. 223) questiona a ideia do ser homem ou mulher e defende “a multiplicidade infinita do sexo”. Nesse sentido, ainda que as bichas pretas periféricas estejam constantemente na posição de subalternidade os processos (singulares!) de constituição das subjetividades de cada umx delxs nos confere a possibilidade de argumentar que a (hetero)normatização da vida é incapaz de abarcar todas as inusitadas e irreverentes formas que corpos, gêneros e sexualidades são fabricados. “Pode vir, cola junto, as transviada sapatão” é um verdadeiro convite de Linn na música *Enviadescer* que revela o quanto o engajamento político de enfrentamento ao regime heterocentrado é fortalecido quando as estratégias de luta adquirem a dimensão coletiva. Diante do exposto, o que afinal Linn pode (des)ensinar ao campo da educação?

Buscar inspiração na musicalidade transgressora de Linn da Quebrada para (re)pensar o *queer* no Brasil a partir dos corpos transviados que habitam o sul do Equador significa reconhecer que todos os sujeitos – independente da orientação sexual, gênero, cor da pele, filiação religiosa, etnia, localização geográfica e origem socioeconômica – importam. A autodenominação *queer*, ao partir da injúria como contestação às experiências da abjeção (LOURO, 2013), é uma estratégia “política que entende a necessidade de subverter as identidades, desafiando os binarismos e a naturalização de discursos já instituídos que reforçam e legitimam a heterossexualidade como norma” (COUTO JUNIOR, 2016, p. 266). Colling, Sousa e Sena (2017, p. 209, grifo nosso), acerca do ativismo que se produz à luz das contribuições dos estudos *queer*, evidenciam

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A9KKFSyvlS4>>. Acesso em: 26 maio 2017.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



que “dialogar estreitamente e intencionalmente com um ‘lugar de abjeção’ pode ser assinalada como uma forte expressão dos ativismos *queer* que pretendem enfrentar as imposições do sistema heteronormativo”. Com isso, a prática do enviadescimento proposta por Linn é um resgate estratégico nas experiências abjetas da injúria brasileira “viado” com o objetivo de posicionar-se político e eticamente na celebração dos modos periféricos de ser e viver. O enviadescimento – ou *queerização*, termo mais popular no campo de estudos de gênero e sexualidade – é uma estratégia potente que vai de encontro com os discursos que sustentam os pilares fundantes da ótica heteronormativa.

Seguimos amparadxs pela perspectiva de Louro (2013, p. 7-8, grifo nosso), para quem “*queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade”. Com isso, pensar o *queer* ao sul do Equador através da musicalidade de Linn da Quebrada é vislumbrar as experiências cotidianas das transviadas, das sapatões e bichas pretas que habitam as periferias e tomam para si o desejo de desafiar o pensamento hegemônico que xs insere às margens sociais. De forma alguma Linn almeja tornar a prática do enviadescimento a nova norma das práticas sociais dissidentes, entretanto, vale ressaltar nossa preocupação diante do fato de que muitas bichas vêm sucumbindo à “discrição”, ao *desenviadescimento*, reinscrevendo seus corpos no campo da inteligibilidade cultural, do que é considerado “normal”. Dito isso, consideramos importante criarmos brechas nos cotidianos escolares na tentativa de colocar em prática o ato de enviadescer os processos de ensinar-aprender, os currículos e as práticas pedagógicas, intencionando enfraquecer a força das normas regulatórias de gênero. Pensar o trabalho artístico de Linn a partir de uma abordagem interseccional significa desarrumar e desfazer certezas, “denunciando os desejos de norma e aqueles movimentos mais apegados a formas de dominação” (POCAHY, 2016, p. 10). Vale reiterar que a prática do enviadescimento não diz respeito apenas às questões de gênero e sexualidade, mas ampliam-se também para colocar em

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



debate outros marcadores sociais das diferenças, imprescindíveis para serem pensados no contexto sociocultural brasileiro.

Ao buscarmos inspiração no funk transviado de Linn da Quebrada para enviadescer a educação, nos mobiliza o desejo de “encontrar saídas, produzir desestabilizações e escapar de práticas curriculares que regulam, prescrevem, hierarquizam e classificam, de forma dicotômica, corpos e gêneros na escola” (SILVA; PARÁISO, 2017, p. 273). Desse modo, em consonância com os feminismos mestiços, apostamos no “falar da fronteira” (ANZALDÚA, 1987, p. 3) como lugar de resistência e criação de gêneros, sexualidades e corpos dissidentes. O campo educacional, portanto, na medida em que se abre à experiência de escutar as vozes que insurgem das quebradas, regiões fronteiriças e de entrecruzamentos variados, passa a caminhar em direção a uma outra terra, “a um outro território, que a exemplo da ‘fronteira’, pode ser habitado por conflitos e choques, mas é também habitado pela diferença, pelo encontro e, sobretudo, pela possibilidade de ‘desfazer o gênero’” (PARÁISO, 2016, p. 217), desestabilizando as normas que buscam hierarquizar e, conseqüentemente, (des)classificar os corpos.

No que se refere à escola, a letra da música *Enviadescer* de Linn também nos inspira a refletir sobre as diversas experiências sociais de pessoas que vêm sendo marcadas por movimentos e posições de dissidência e o quanto muitas delas ainda precisam aprender a (re)planejar atos de re-existência para que o processo de escolarização seja menos doloroso. O menino-aluno-mulherzinha, o menino-aluno-bichinha (REIS; PARÁISO, 2014) e o “menino delicado” (COUTO JUNIOR, 2017, p. 56), conforme discutidos em trabalhos anteriores, não são formas positivas de celebrar a diferença na escola, mas constituem-se enquanto expressões comumente empregadas para marcar negativamente um jeito de experimentar o mundo com a intenção de manter a supremacia do regime heterocentrado. Somando-se a isso, o terrorismo contínuo de gênero (BENTO, 2011) vivenciado cotidianamente por muitxs crianças e jovens no

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



espaço escolar requer a necessidade de nos voltarmos para o debate em torno dos marcadores sociais de identidade e diferença. Para isso, consideramos imprescindível fomentarmos discussões voltadas para o questionamento das (hetero)normas e dos “privilégios de raça, gênero, classe e nesse sentido, uma revisão ético-estético-política do currículo e das políticas educacionais pode abrir brechas para novos planos de experimentação e produção de subjetividade que têm paixão pelo devir” (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018, p. 136).

Reconhecemos o quanto xs teóricxs filiadxs às epistemologias *queer* vêm tecendo importantes argumentos que viabilizam dissociarmos a relação pênis-homem-macho e vulva-mulher-fêmea, abalando práticas culturais até então incontestadas. Com isso, Preciado (2013, p. 99) nos convida a aprender sobre o quanto (ainda!) precisamos defender o direito de todos os seres humanos a não serem educados numa cultura que os forma considerando apenas a força de trabalho e as práticas reprodutivas, uma cultura que tende a reconhecê-los como “futuros produtores de esperma e futuros úteros”. Nesse sentido, a prática do envidescimento proposta por Linn da Quebrada é potente, pois não está preocupada com a fabricação de corpos, gêneros e sexualidades higienizados, ou seja, sintonizados com as expectativas sociais heteronormativas (simplificando: namoro entre sujeitos do chamado sexo oposto → casamento → reprodução). O ativismo transviado de Linn não busca ocupar o lugar do feminino ou do masculino, mas habita estrategicamente a fronteira como posicionamento político em prol da necessidade de enfrentar o regime heterocentrado, empoderando todxs xs praticantes culturais que, de alguma forma ou de outra, são invisibilizadxs pelos seus modos de ser e estar no mundo.

Com Linn da Quebrada, aprendemos o quanto sua musicalidade transviada torna possível (re)pensar o lugar social ocupado por todos os sujeitos que constituem as chamadas “minorias” sociais. Que possamos envidescer nossa forma de interpretar e habitar o mundo, deslocando nosso olhar povoado pelos ideais de “uma moralidade

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada” (PELÚCIO, 2014, p. 28) para as periferias ao sul do Equador, onde há muita potência de vida para além das restritas e simplórias classificações binárias de compreensão dos corpos, gêneros e sexualidades. “Pode vir, cola junto” porque não há pretensões ou previsibilidades com Linn da Quebrada, sua proposta de envidescer almeja a multiplicidade, a diferença e a potência de viver em trânsito.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. San Francisco: Spinters/Aunt Lute, 1987.

BARBOSA-PEREIRA, Alexandre. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, n. 1, jan-jun, 2016, p. 545-557.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 2, maio-ago, 2011, p. 549-559.

BONAFÉ, Jaume Martínez. A cidade no currículo e o currículo na cidade. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013, p. 442-458.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 42, jan-jun, 2014, p. 249-274.

_____. Critically queer. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**. V. 1, n. 1, nov., 1993, p. 17-32.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 153-172.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



_____. Alianças queer e política anti-guerra. **Bagoas – Estudos Gays: gênero e sexualidades**. V. 11, n. 16, 2017, p. 29-49.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista Poiésis**. Niterói, v. 11, n. 15, jul, 2010, p. 47-71.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 9-24.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Cambridge: Polity, 1995.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: EDUFBA, 2015.

COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre Nunes; SENA, Francisco Soares. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lígia (Orgs.). **Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes**. Lisboa: Maiadouro, 2017, p. 193-215.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v. 11, n. 1, jan-abr, 2016, p. 250-270.

_____. **Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer**. 2017. 290 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; POCAHY, Fernando. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan-abr, 2018, p. 124-137.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Vol. 4**. São Paulo: Editora 34, 1997.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, **Gai Pied**, n. 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/12/599/>. Acesso em: 24 mai. 2017.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 42 Ed. Petrópolis: Vozes, [1975] 2014.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1982] 2010, p. 273-295.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory**: an introduction. New York: New York University Press, 1996.

LIMA, Carlos Henrique Lucas; NOGUEIRA, Gilmaro. Apresentação. In: LIMA, Carlos Henrique Lucas; NOGUEIRA, Gilmaro (Orgs.). **Um corpo possível**: ensaios sobre abjeção e existência cultural. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016, p. 13-18.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001, p. 541-553.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KRISTEVA, Julia. **Poderes de la perversión**: ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline. 6 ed. Madrid: Siglo XXI editores, 2006.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo, **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 39, abr, 2006, p. 167-181.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 14, n. 3, set-dez, 2006, p. 681-693.

_____. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan-jun, 2009, p. 150-182.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



MUNIZ, Bruno Barboza. Quem precisa de cultura? O capital existencial do funk e a conveniência da cultura. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago, 2016, p. 447-467.

NARDI, Henrique Caetano. Relações de gênero e diversidade sexual: compreendendo o contexto sociopolítico contemporâneo. In: NARDI, Henrique Caetano; SILVEIRA, Raquel da Silva; MACHADO, Paula Sandrine (Orgs.). *Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 15-31.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, jan-abr, 2016, p. 194-225.

PELBART, Peter. Por uma arte de instaurar modos de existência que não existem. In: **Como pensar coisas que não existem**. Livro da 31ª Bienal de Arte de São Paulo. São Paulo, 2014, p. 250-256.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 5, n. 2, jul-dez, 2015, p. 411-437.

_____. Queer nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez, 2012, p. 371-394.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan**. São Carlos, ano 1, n. 2, nov, 2014, p. 26-45.

_____. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez, 2012, p. 395-418.

_____. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. **Iberic@l: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines**. Paris, n. 9, printemps, 2016, p. 123-136.

POCAHY, Fernando. Deuses e Monstros: envelhecimento e (homo)sexualidade nas tramas da abjeção. **Bagoas – Estudos Gays: gênero e sexualidades**, v. 7, n. 10, 2013, p. 133-155.

_____. (Micro)políticas queer: dissidências em pesquisa. **Textura**. Canoas, v. 18, n. 38, set-dez, 2016, p. 8-25.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



_____. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Textura**. Canoas, v. 13, n. 23, jan-jun, 2011, p. 18-30.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 1, 2011, p. 11-20.

_____. Quem defende a criança queer? **Jangada**. Viçosa, n. 1, jan-jun, 2013, p. 96-99.

PUAR, Jasbir. “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. **Revista Meritum**. Belo Horizonte, v.8, n. 2, jul-dez, 2013, p. 343-370.

RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**. Rio de Janeiro, n. 25, abr, 2017, p. 19-48.

REIS, Cristina D’Ávila. **Currículo escolar e gênero**: a constituição generificada de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. 2011. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

REIS, Cristina D’Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, n. 1, jan-abr, 2014, p. 237-256.

SILVA, João Paulo de Lorena; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Cristy Souza. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 38, set-dez, 2016, p. 143-161.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, gênero e abjeção: crianças queers e a invenção de outros possíveis. In: AGUIAR, Márcia Angela da Silva; PACHECO, José Augusto de Brito; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi (Orgs.). **Currículo, cultura, inclusão e diferenças** – Anais do XII Colóquio sobre questões curriculares/VIII Colóquio luso-brasileiro de currículo/II Colóquio luso-afro-brasileiro de questões curriculares. Série 4. [Livro Eletrônico], Recife: ANPAE, 2017, p. 273-281.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



TOPA, Joana; NOGUEIRA, Conceição; NEVES, Sofia. Feminismos e estudos imigratórios: contribuições da teoria da interseccionalidade no domínio da saúde materna. In: MAGALHÃES, Sara; ALVAREZ, Teresa (Orgs.). **Romper as fronteiras**. A interseccionalidade nas questões de género e feministas. Lisboa: APEM, 2013, p. 23-31.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

Sobre xs autorxs:

Dilton Ribeiro Couto Junior

Mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Atualmente é pós-doutorando no ProPEd/UERJ (bolsa CNPq/PDJ) e membro do Grupo de Estudos em Género e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni). E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

João Paulo de Lorena Silva

Graduado em filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC). E-mail: joaopaulopalmas@gmail.com

Recebido em: 25/11/2017

Aceito para publicação em: 17/12/2017